

**THE ACT E A SÍNDROME DE MUNCHAUSEN: ENSAIOS SOBRE A
MATERNIDADE, FETICHISMO E A PERVERSÃO FEMININA A PARTIR DA
PSICANÁLISE**

*THE ACT AND THE MUNCHAUSEN SYNDROME: TESTS ON
MATERNITY, FETICHISM AND FEMALE PERVERSION FROM
PSYCHOANALYSIS*

Yohanna Cunha Zibell¹

Gustavo Angeli²

Jeisa Benevenuti³

RESUMO: Este artigo teve como objetivo analisar a perversão feminina relacionando com a Síndrome de Munchausen e a maternidade a partir da psicanálise. A pesquisa é sustentada sob o método psicanalítico, utilizando definições freudianas e pós-freudianas para a compreensão e interpretação da perversão. Por meio da atenção flutuante os autores assistiram à série televisiva *The Act* como caso clínico para a produção da pesquisa psicanalítica. A análise foi realizada a partir de episódios, diálogos e situações que despertaram emoções nos autores e interpretadas sob a teoria psicanalítica. Assim, foi possível analisar a perversão feminina por meio de uma relação perversa, diferentemente do homem ao qual utiliza um objeto-fetice para o recobrimento da castração.

Palavras-chave: perversão feminina; maternidade; psicanálise.

¹ Psicóloga pelo Centro Universitário de Brusque. Especialista em Psicanálise e Dispositivos Clínicos Contemporâneos pelo Centro Universitário Avantis. *E-mail:* yohannacunhaa@gmail.com.

² Psicólogo pela Universidade Regional de Blumenau. Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Brusque *E-mail:* gustavooangeli@gmail.com.

³ Psicóloga pela Universidade do Vale do Itajaí. Doutora e Mestre pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário de Brusque. *E-mail:* jeisa@unifebe.edu.br



The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

ABSTRACT: *This article has as objective to analyze female perversion relating to Munchausen's Syndrome and motherhood from psychoanalysis. The research is sustained under the psychoanalytic method using Freudian e post Freudians definitions for understanding and interpreting perversion. From the floating attention the authors watched the television series The Act as a clinical case for production of psychoanalytic research. Analysis was performed from episodes, dialogues and situations that aroused emotions in the authors and interpreted under the psychoanalysis theory. So it was possible evidence female perversion through a perverse relationship, unlike the man who uses fetish-object to cover castration.*

Keywords: *female perversion; motherhood; psychoanalysis.*

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo analisar a perversão feminina relacionando com a Síndrome de Munchausen e a maternidade. A pesquisa se sustenta no método-psicanalítico e utiliza definições freudianas e pós-freudianas para compreender e interpretar a perversão.

O termo perversão tem origem do latim *perversione*, designa o ato ou efeito de perverter-se, isto é, tornar-se perverso ou mal, depravar, desmoralizar. Pode designar ainda uma alteração ou o transtorno de uma função. Na medicina esse termo foi reservado para designar o desvio ou a perturbação de uma função normal, sobretudo, no terreno psíquico e mais propriamente, no campo da sexualidade (FERRAZ, 2010).

Antes de Freud, outros autores já falavam sobre perversão, porém, Freud se desprende da ideia de maldade, desvio ou das patologias, e teoriza a perversão como uma possibilidade para o psiquismo ante a castração. (FERRAZ, 2010).



The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

Percorrendo a obra freudiana é possível acompanhar as mudanças decorrentes das novas descobertas feitas por Freud. Os textos que esboçam a clínica da perversão datam após a *Interpretação dos Sonhos* (1901), um marco para a psicanálise. Os textos escolhidos para conceituar a perversão freudiana foram os “Três Ensaio sobre a teoria da Sexualidade” (1905) em que se propõe que as crianças são polimorfas perversas, já em 1919, com a publicação de “Batem numa criança: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais” Freud teoriza a partir do complexo de Édipo a fantasia que ouvira de seus pacientes em que uma criança era espancada. O terceiro momento das teorizações freudianas sobre a perversão está no texto *Fetichismo* (FREUD, 1927), considerado por muitos autores como a única teorização válida sobre a perversão, a recusa (*Verleugnung*) é apresentada como o mecanismo central da estrutura perversa. Após o percurso percorrido por Freud, a perversão então pode ser compreendida como um modo de satisfação sob a fixação em um objeto sem a primazia da genitalidade.

Freud deixou uma lacuna em relação à perversão feminina, é apenas com os autores pós-freudianos de diversas escolas que ocorrem as teorizações em torno da temática. A escola francesa, simultaneamente marcada pelo ensino de Gaëtan Gatian de Clérambault e Jacques Lacan, também contestou a pretensa inexistência do fetichismo feminino e, em termos mais gerais, da perversão feminina. Uma das melhores abordagens teóricas da questão foi obra de Wladimir Granoff e François Perrier, que publicaram, em 1964, o texto de uma conferência proferida em 1960. Ambos admitem que o fetichismo não existe na mulher sob a forma da construção de um objeto-fetice, mas, ainda assim, a mulher pode tornar-se seu próprio fetiche, numa relação erotomaniaca com o filho. Na condição de mãe, ela se constrói então como um ídolo onipotente e, portanto, como um fetiche. (ROUDINESCO; PLON, 1998).

O objetivo do presente trabalho é analisar a perversão feminina a partir da Síndrome de Munchausen por procuração, que pode ser definida como um tipo de abuso infantil, em que um dos pais, geralmente a mãe, simula sinais e sintomas na criança. Como consequência, a vítima é submetida a repetidas interações e



The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

exposição a exames e tratamentos potencialmente perigosos e desnecessários, gerando sequelas psicológicas e físicas, podendo levar à morte (FERRÃO; NEVES, 2013). Para tanto, percorreu-se discussões da perversão na obra freudiana, a caracterização da perversão feminina a partir de autores pós-freudianos e ainda o histórico da Síndrome de Munchausen por procuração. Em seguida, será apresentada a estratégia de produção de conhecimento, a pesquisa psicanalítica, assim como a psicanálise extramuros, tornando possível a construção de um saber psicanalítico para além dos consultórios particulares. Posteriormente, a análise detém-se na série televisiva “*The Act*” transmitida pelo canal de *streaming* Hulu no ano de 2019, retratando a relação mãe e filha, como um caso clínico a fim de elucidar a perversão feminina a partir da maternidade.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A PERVERSÃO NA OBRA FREUDIANA

Freud ao longo de sua obra teoriza sobre a perversão em três grandes momentos: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905), baseando-se no axioma de que a neurose é o negativo da perversão. Em um segundo momento nos textos “Bate-se em uma criança: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais” (1919) e aprofundando-se nos artigos do complexo de Édipo dos anos 20. Por fim, um terceiro momento, que muitos autores, veem a verdadeira organização da perversão, formulado no texto “Fetichismo” (1927), quando a figura da recusa da castração aparece e associa-se à clivagem do eu. (FERRAZ, 2010).

Freud (1905/2016, p. 40) em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” introduz duas expressões técnicas:

O objeto sexual que seria a pessoa da qual vem a atração e a meta sexual, ação a qual o instinto impele, a observação, cientificamente filtrada, indica numerosos desvios no tocante aos dois e a relação entre eles e a norma suposta. Considera-se meta sexual normal a união dos genitais no ato denominado copulação, que leva à resolução da tensão sexual e temporário arrefecimento do instinto sexual (satisfação análoga à saciação da fome). Mas no ato sexual normal já se notam os rudimentos que, desenvolvidos, levarão aos desvios que são denominados *perversões*.



The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

Portanto há certas relações intermediárias com o objeto sexual (que se achem no rumo da copulação), como tocar e olhar, que são reconhecidas como metas sexuais provisórias. Essas atividades são, por um lado, acompanhadas elas próprias de prazer e, por outro lado, aumentam a excitação, que deve durar até a obtenção da meta sexual final. E um desses contatos, aquele entre as mucosas dos lábios das duas pessoas alcançou, com o nome de beijo, grande valor sexual em muitos povos (entre eles os mais civilizados), embora as partes do corpo nele envolvidas não pertençam ao aparelho sexual, constituindo a entrada para o tubo digestivo (FREUD, 1905/2016).

As perversões são, portanto, extensões anatômicas das áreas do corpo determinadas para união sexual, por exemplo, superestimação do sexual, o uso sexual da mucosa dos lábios e boca e utilização do orifício anal e Freud (1905/2016) ainda acrescenta um substituto inapropriado do objeto sexual, o fetichismo, em que um objeto sexual normal é substituído por outro que guarda a relação com ele, mas é totalmente inapropriado para servir a meta sexual “normal”, aquela que visa à genitalidade.

Portanto, a perversão decorreria justamente na impossibilidade de a corrente genital impor-se perante as demais, em função da fixação, ocorrida na infância, que elevaria uma corrente pré-genital à condição de eixo ordenador, isto é, de toda gama de fantasias e atos sexuais de um sujeito. (FERRAZ, 2010).

Freud ainda descreve que a perversão resultaria de uma fixação infantil num estágio pré-genital da organização libidinal. A criança como um ser polimorfo-perverso por excelência, as várias correntes da sexualidade coexistem sem um eixo ordenador que as aglutine. Na sexualidade “normal”, essa operação ocorreria na puberdade, pela corrente genital da libido. Portanto, todas as formas pré-genitais da sexualidade seriam dominadas pela corrente principal, e os atos delas decorrentes se tornariam acessórios ou preparatórios para o coito normal, isto é, genital. (FERRAZ, 2010).



The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

Baseando-se na proposição de Freud (1905/2016) que “a neurose é o negativo da perversão”, segundo Ferraz (2010, p. 34):

O perverso não se sujeita às forças que no neurótico prevalecem, ele põe em prática as fantasias pré-genitais; não as utiliza apenas como acessório para sua excitação, mas faz delas o centro de sua vida sexual. Assim o perverso seria tudo aquilo que o neurótico almeja ser, mas não tem permissão para tal [...] O perverso não porta uma aberração ausente em outros seres humanos, ele simplesmente atua naquilo que se encontra de forma latente e potencial em todas as pessoas.

Segundo Alberti (2005), Freud identificava a perversão com a monotonia da satisfação de um desejo, mas se utilizando exclusivamente de um único objeto de satisfação. No lugar da liberdade do sujeito de exercer a sexualidade em toda a sua plenitude, o sujeito perverso se limita ao gozo de uma maneira só.

Já em um segundo momento das teorizações, Freud (1919/2010) é surpreendido com a frequência que a fantasia “batem numa criança” é confessada por pessoas que buscam tratamento psicanalítico, principalmente para a histeria ou neurose obsessiva. A fantasia era geralmente investida de elevado prazer e se concluía num ato de prazerosa satisfação auto erótica. Para Freud (1919/2010, p. 297):

Tal fantasia é mantida para a autossatisfação erótica, podendo ser vista como um traço primário de perversão, um dos componentes da função sexual teria se adiantado aos outros no desenvolvimento, se tornado maturamente autônomo e se fixado, escapando assim dos processos posteriores. Sabemos que tal perversão infantil não continua necessariamente por toda a vida, pode sucumbir à repressão, ser substituída por uma formação reativa ou ser transformada por uma sublimação. Caso esse processo não ocorra, a perversões e conserva na vida madura e ao depararmos com uma aberração sexual na vida adulta - perversão, fetichismo, inversão, podemos justificadamente esperar que uma anamnese descubra tal evento fixador na época da infância.

Nesse texto o autor analisa as fantasias de surras de quatro pacientes do sexo feminino que compunham maioria do seu material. Quanto à fantasia dos homens fora deixada para outro momento, pois se relacionam com outros temas.



The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

Pode-se dizer que a fantasia é sádica, mas não é quem fantasia que bate em outra criança. De início, permanece obscuro quem é a pessoa que bate. Mais tarde, descobre-se que quem bate é um adulto indeterminado, que será reconhecido de maneira clara e inequívoca como o pai (da menina). Nesta primeira fase a fantasia é expressa na frase “*meu pai bate na criança*” ou “*meu pai bate na criança que odeio*”. (FREUD, 1919/2010, p. 302).

Conforme Freud (1919/2010, p. 303) exemplifica:

Na segunda fase ocorrem algumas mudanças, a pessoa que bate se mantém o pai, mas a criança castigada tornou-se outra, é invariavelmente a própria criança que fantasia; é bastante marcada pelo prazer e a adquire um significado conteúdo. Ela diz, então: “*sou castigada por meu pai*”. Nesse momento a fantasia tem caráter masoquista. Pode-se dizer que ela não tem uma existência real, em nenhum dos casos ela é lembrada, não chegou a se tornar consciente, fora uma construção na análise.

A terceira fase é similar à primeira, pois a pessoa que bate não é pai e se torna indefinida ou vem a ser um representante do pai, como um professor. A criança que fantasia não é mais quem apanha e ao serem questionadas, dizem apenas: “Eu estou olhando, provavelmente”. Para as meninas geralmente são garotos que apanham. A característica que difere da primeira fase é que agora a fantasia é portadora de uma forte excitação sexual, e como tal, permite a satisfação masturbatória. A fantasia torna-se novamente sádica. (FREUD, 1919/2010).

A fantasia está enredada nas excitações da menina com seu complexo parental, afetuosamente ligada ao pai, faz de tudo para ganhar seu amor, lançando uma atitude de ódio para com a mãe. Não há ligação com a mãe na fantasia, existem outras crianças no ambiente, talvez irmãos mais novos em que o afeto do pai tem que ser dividido. Logo, a menina compreende que apanhar, mesmo quando não dói muito, significa uma retração de amor e uma humilhação. Portanto se torna agradável a ideia de o pai bater nessa criança odiada: “Meu pai não ama esse outro, ama somente a mim” (FREUD, 1919/2010, p. 305).

Com essa escolha prematura de objeto de amor incestuoso, a vida sexual da criança atinge evidentemente o estágio de organização genital. Nenhum dos



The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

amores incestuosos pode fugir à fatalidade da repressão, sucumbem devido a ensejos externos como o nascimento de um irmão indesejado, sentido como uma infidelidade, inesperadas doenças ou ainda por que não se realizou a satisfação ansiada. O mais provável é que a escolha de objeto amoroso desapareça, pois, seu tempo acabou, pois entrou em outra fase do desenvolvimento, na qual é obrigada a repetir a repressão de escolha incestuosa, fazendo referência ao mito edipiano (FREUD, 1919/2010).

No processo de repressão surge também a culpa, ligada aos desejos incestuosos e justificada pela permanência no inconsciente. A fantasia do amor incestuoso diz que: “Ele (o pai) ama somente a mim, não a outra criança, porque bate nela”. (FREUD, 1919/2010, p.307) Porém, a consciência de culpa não acha castigo mais severo do que a inversão disso, como: “Não, ele não ama você, pois bate em você”. (FREUD, 1919/2010, p.307). Assim, a fantasia da segunda fase, de ela mesma apanhar do pai torna-se expressão direta da consciência de culpa, tornando, assim, o sadismo em masoquismo. A frase “Meu pai me ama” tem um sentido genital e devido à repressão se transformar em “Meu pai bate em mim”, ou seja, ser golpeado é uma convergência da consciência de culpa e erotismo, não apenas pela relação genital proibida, mas também o substituto regressivo para ela e que achará desafogos em atos masturbatórios. (FREUD, 1919/2010).

Com a configuração definitiva, na terceira fase, a criança que fantasia retorna a ser espectador, e o pai é substituído como um professor ou outro superior. A fantasia torna-se semelhante à primeira fase por conta da repressão sofrida na segunda fase. Apenas a forma da fantasia é sádica, porém a satisfação dela é masoquista, sua significação está em haver tomado o investimento libidinal da parte reprimida e, com este, também a consciência de culpa ligada ao seu conteúdo.

Freud (1919/2010) acrescenta ainda que essas observações podem ser utilizadas em diferentes direções: para esclarecer a gênese das perversões, em especial, do masoquismo, e para avaliar a diferença sexual na dinâmica da neurose.

Segundo Freud (1919/2010, p. 311):



The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

O resultado mais evidente na discussão da origem das perversões é que nada muda da concepção que nelas destaca o fortalecimento ou precocidade constitucional de um componente sexual. A perversão não se acha isolado na vida sexual da criança, mas é admitida nos contextos dos típicos - para não dizer normais - processos de desenvolvimento que conhecemos.

A perversão infantil pode ser base para o desenvolvimento de uma perversão de igual sentido que permeia toda a vida, que consome toda vida sexual do indivíduo, ou pode ser interrompida e permanecer no pano de fundo de um desenvolvimento sexual “normal”, ou seja, visando à genitalidade. (FREUD, 1919/2010).

Freud (1919/2010), considerando as anamneses obtidas nos casos de adultos perversos, notou que a impressão decisiva, a “primeira vivência” de todos os pervertidos, fetichistas quase nunca é situada em época anterior aos seis anos de idade. Porém, nesse tempo, o período do complexo de Édipo já passou, a vivência é lembrada de forma tão enigmática, que pode muito bem ter representado a sua herança.

O terceiro momento das teorizações freudianas sobre a perversão está no texto Fetichismo (FREUD, 1927/2014), considerado por muitos como a única teorização válida sobre a perversão, em que a recusa (*Verleugnung*) é apresentada como o mecanismo central da perversão. Freud (1927/2014, p. 304) acrescenta que:

Não é o substituto de um pênis qualquer, mas não de um qualquer, mas de um especial, bem determinado, que nos primeiros anos infantis tem grande importância, porém é perdido depois. Isto é: normalmente seria abandonado, mas o fetiche se destina exatamente a preservá-lo. [...] o fetiche é o substituto para o falo da mulher (da mãe), no qual o menino acreditou e ao qual - sabemos por que - não deseja renunciar”.

Freud (1927/2014) ressalta que a designação correta para o destino da ideia seria a recusa. A situação mostra que percepção permaneceu e que uma ação bastante enérgica foi realizada para sustentar a recusa. A criança após observar a mulher não manteve intacta a crença de que ela tem um falo. Conservou, mas também abandonou; frente ao conflito entre o peso da percepção desejada e a força



The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

do desejo contrário chegou a um compromisso - Sim, na psique a mulher continua a ter um pênis, mas não o mesmo de antes. Outra coisa ocupou esse lugar, foi como nomeado o seu substituto, aqui, o fetiche. Portanto, diante do horror à castração ergue-se um monumento ao criar esse substituto. O fetiche subsiste como uma forma de triunfo sobre a ameaça de castração e como proteção contra ela.

Portanto, de 1905 a 1927, Freud passou de uma descrição das perversões sexuais para uma teorização do mecanismo geral da perversão que já não era apenas o resultado de uma predisposição polimorfa da sexualidade infantil, mas a consequência de uma atitude do sujeito humano confrontado com a diferença sexual. Nesse sentido, a perversão existe tanto no homem quanto na mulher, mas não se apresenta da mesma maneira entre os dois sexos. (ROUDINESCO; PLON, 1998).

A perversão freudiana não faz distinção do feminino ou masculino, é somente a partir de autores pós-freudianos que as publicações psicanalíticas variam significativamente de um modelo teórico a outro, deixando aparente a falta de consenso relativo à compreensão desta. Segundo Ceccareli (2005, p. 47):

A desarmonia entre as diferentes escolas de psicanálise, tanto no uso da palavra “perversão”, quanto na apreensão e compreensão do fenômeno é tão conhecida que dispensa comentários. Cada modelo clínico propõe uma interpretação diferente direcionando a escuta e, consequentemente, a direção do tratamento desta manifestação da sexualidade. Tanto autores da Escola Inglesa [Khan, 1979], quanto da Americana [Stoller, 1975], relatam acompanhamentos clínicos de sujeitos perversos cujos resultados foram considerados, por esses autores, como satisfatórios. Já a Escola Francesa de Jacques Lacan entende a perversão como uma estrutura que resiste ao trabalho analítico. Logo, o perverso, contrariamente à afirmação freudiana, não é analisável. Ora, como entender essas diferenças cujos desdobramentos teórico-clínico-éticos têm consequências de peso?

2.3 A PERVERSÃO FEMININA

Há certa resistência em identificar a estrutura perversa nas mulheres, porém há diversos autores que apoiam essa ideia (MATTERA, 2014). “Se a castração se refere tanto a mulher quanto ao homem, ela não a interpela, em primeiro lugar,



The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

enquanto ameaça” (DOR, 1991, p. 186). Não tendo nada para salvar, ao contrário do menino, ela se mantém no lugar de objeto para um outro, ou sendo num primeiro momento o que falta à mãe, e num segundo momento, fazendo-se amar pelo pai, na esperança de obter deste a compensação de sua falta. A menina desloca para o pai os fins passivos de sua ligação libidinal com a mãe. (QUEIROZ, 2002).

O fato de a mulher ser não toda submetida à castração, como nos ensina Lacan, torna-a um par ideal para o perverso, pois, como este, ela também almeja um gozo além do fálico. Esse estado de “cumplicidade objetal” que é reservado à mulher confunde a questão: ela se oferece como objeto-causa da perversão, mas não se perverte? Esclarecem F. Perrier e W. Granoff que o fato de a mulher não ser fetichista não a impede de perverter sua libido e de um modo narcísico. “A mulher torna-se para ela mesma seu próprio fetiche à medida que oferece seu corpo ao gozo...” (DOR, 1991, p. 186). Essa tese, Piera Aulagnier também a sustenta ao mostrar a atração particular que a paixão exerce sobre a mulher. Vimos também em Freud, quanto o estado de paixão é propício ao escoamento da libido para o objeto. (QUEIROZ, 2002).

Por essa vertente, convém empreendermos uma discussão sobre a manifestação de uma perversão no feminino. Se atribuirmos à palavra perverter o sentido de desviar-se do caminho ou do destino, podemos encarar a possibilidade de uma perversão, não no sentido de desvio sexual utilizado pela tradição de Krafft Ebing, mas no de perverter a libido. (QUEIROZ, 2002).

Embora considere arriscado falar de perversões sexuais na mulher, F. Perrier e W. Granoff, por sua vez, sublinham que uma das vias de escoamento dos traços perversos é também a maternidade. Segundo eles, o amor materno pode se manifestar de dois modos, pela sublimação e pela vertente perversa. Argumentam que, por se tratar de uma relação não fundada sob o registro da lei, ela se torna menos protegida e por isso mais vulnerável à instalação de pactos perversos. A mãe narcisista, por exemplo, na impossibilidade de reconhecer a falta, faz do seu bebê um objeto de recobrimento desta. (QUEIROZ, 2002).



The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

2.4 SÍNDROME DE MUNCHAUSEN POR PROCURAÇÃO (SMP)

Em 1951, a síndrome de Munchausen foi descrita pela primeira vez pelo psiquiatra britânico, Richard Asher, o qual introduziu a denominação para definir um grupo de pacientes que fabricavam histórias clínicas com falsos sintomas e histórias absurdas, evidências sobre enfermidades, submetiam-se a múltiplas investigações médicas, operações e tratamentos desnecessários, mesmo correndo risco de morte. A nomeação da síndrome é inspirada nos antecedentes históricos de Karl Friedrich Hieronymus von Munchausen (1720-1797), militar que lutou na guerra contra os turcos e fabricava exageradas histórias sobre os períodos em que serviu as forças armadas russas. (SILVA; PRISZKULNIK, 2013)

Descrita pela primeira vez em 1977, por Roy Meadow, um nefrologista pediátrico britânico, como Síndrome de Munchausen por Procuração (SMP), que pode ser definida como um tipo de abuso infantil, em que um dos pais, geralmente a mãe, simula sinais e sintomas na criança, com a intenção de chamar atenção para si. Como consequência, a vítima é submetida a repetidas internações e exposição a exames e tratamentos potencialmente perigosos e desnecessários, gerando sequelas psicológicas e físicas, podendo levar à morte (FERRÃO; NEVES, 2013).

Roy ao se deparar com duas crianças constata que uma havia sofrido intoxicação por repetidas doses de sal, ministradas por sua mãe e que a levaram óbito; e outra que fora submetida a inúmeros procedimentos médicos para investigação de uma doença renal fictícia, criada pela mãe, que fornecia histórias falsas e adulterava as amostras de urina de criança, adicionando seu próprio sangue a elas (SILVA; PRISZKULNIK, 2013).

Neste artigo, será dada ênfase à Síndrome de Munchausen por Procuração que tem a criança como a vítima do perpetrador, ou seja, aquela em que o cuidador fabrica ou induz doenças na criança que está sob seus cuidados. O recorte deste artigo se restringirá à relação e à complexidade envolvida entre mãe e filha.



The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para que o objetivo principal deste artigo fosse atingido, analisa-se a perversão feminina a partir da Síndrome de Munchausen por procuração, ou autores utilizaram duas formas de pesquisa. Inicialmente a pesquisa bibliográfica, que segundo Gil (2010) está baseado em material já publicado em livros, revistas, teses e dissertações, tendo, assim, uma parte do artigo dedicado a essa pesquisa.

E concomitante com a pesquisa psicanalítica, segundo Kobori (2013) tem como condição de metodologia o uso do método psicanalítico, criado por Freud, com o objetivo de construir um novo conhecimento a respeito do ser humano, da sociedade e cultura. O uso desse método de pesquisa não se restringe em curar, mas se encontra presente da mesma forma, mesmo onde não há doença. Então, a pesquisa psicanalítica, mesmo que dentro do rigor acadêmico, obedece aos pressupostos do método freudiano que baseado na interpretação produz um sentido novo ao tema estudado.

A psicanálise fora do contexto da clínica é controversa e recebeu diferentes denominações. Nas obras de Freud é chamada de psicanálise aplicada, incluindo a prática clínica e as aplicações da análise. Laplanche propõe o conceito de psicanálise extramuros, para a psicanálise que se dirigindo para fora-do-tratamento, não de maneira acessória, como um ao-lado-de, mas fundamentalmente, dirigindo-se adiante dos fenômenos culturais. A psicanálise em extensão, termo proposto por Lacan, diferenciando psicanálise com intensão da extensão. A intensão, diz respeito ao processo e ao produto da análise. A segunda, a psicanálise em extensão diz respeito a tudo o que resume a função de nossa Escola como presentificadora da psicanálise no mundo e a psicanálise em intensão, ou seja, a didática, como uma preparadora dos operadores.

Independente da nomenclatura, Rosa (2004) entende que a escuta psicanalítica se torna possível em outros contextos, pois o inconsciente está presente como determinantes nas mais variadas manifestações humanas, culturais



The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

e sociais. O sujeito do inconsciente está presente em todo o enunciado, recortando qualquer discurso pela enunciação que o transcende.

Portanto, os princípios norteadores da pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos põem em jogo a constituição de um campo de experiência no qual os fundamentos epistêmicos são os mesmos que sustentam a prática da ética da psicanálise (ROSA; DOMINGUES, 2010).

Segundo Poli (2005) se no campo de experiência constituído pela ciência positivista são os objetos passíveis de medida e verificação que definem a realidade e os critérios de verdade, a experiência psicanalítica se pauta pela inclusão primeira do desejo do pesquisador na constituição do enigma que seu trabalho busca desvelar. A esta inclusão do desejo é nomeada transferência, fundamento de todo trabalho de pesquisa em psicanálise e que permite situar a noção de realidade com a qual operamos.

Para Caon (1994), a transferência é o fundamento comum ao tratamento e à situação psicanalítica de pesquisa. A diferença entre essas duas situações está no manejo da transferência: na situação de pesquisa deve ser instrumentalizada para produção do texto metapsicológico.

A transferência instrumentalizada é o processo por meio do qual o pesquisador se dirige ao dado de pesquisa situado pelo texto dos colaboradores e relaciona seus achados com a literatura trabalhada e procura, além disso, elaborar impressões que reúnem as suas expectativas diante do problema de pesquisa e as impressões dos participantes que forneceram suas contribuições na forma de dados coletados (IRIBARRY, 2003). Esta técnica auxilia a análise dos dados desta pesquisa que se baseia na escuta de uma série televisiva, em que os autores buscaram subsídios para compor a análise do ensaio metapsicológico.

É a partir desse olhar investigativo, próprio do método psicanalítico que, o analista em atenção flutuante, buscará um sentido latente dentro do manifesto da obra, ou seja, conteúdos reprimidos que ressoam de maneira inconsciente tanto na série obra como no destinatário, pressupondo que, esse material é semelhante, de maneira emocional, em ambos. Dessa forma, é concebida uma comunicação cifrada



The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

inconsciente a inconsciente, tornando possível uma reconstrução do processo criativo a partir da emoção sentida pelo espectador. (KOBORI, 2013). É nesse sentido que, mesmo sem as associações das personagens tidas como estudos de caso pode-se chegar a uma interpretação do conteúdo inconsciente por meio dos pesquisadores que fizeram suas associações suscitadas pelo material, pelas pistas inconscientes e da forma como estas o atingem emocionalmente, confirmando o sentido desta interpretação em outros indícios da obra (MEZAN, 1985).

Portanto, após a revisão da literatura, os autores a partir da atenção flutuante assistiram à série televisiva como um caso clínico, a fim de produzir uma pesquisa psicanalítica. No decorrer dos episódios, diálogos e situações suscitaram emoções, associações e interpretações às quais os autores optaram por dar destaque na análise dos resultados. Assim, os pesquisadores, assistiram e associaram livremente a série, interpretando-a a partir da teoria psicanalítica.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 PSICANÁLISE E CINEMA

O cinema pode ser definido como mais do que uma invenção técnica, súbita e revolucionária, que poria em movimento as imagens de forma autoevidente. O cinema é uma linguagem que se foi constituindo, ao longo de suas primeiras duas décadas, ao mesmo tempo em que construía seu público, acostumando-o a certas convenções que permitem sua recepção como uma narrativa. O cinema, décadas após a invenção da fotografia, mostrou que a apresentação “direta” da realidade, a possibilidade de reproduzir tecnicamente, de modo quase inteiramente fiel, o olhar humano, entretanto, não torna as imagens autoexplicativas. Ao contrário, o cinema nos faz ver que a imagem nunca é uma realidade simples. Como afirma o filósofo francês Jacques Rancière (2003 *apud* RIVERA, 2008), trata-se, no cinema, de um conjunto de operações, de relações entre o dizível e o visível, maneiras de jogar com o antes e o após, a causa e o efeito.



The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

Assim como o cinema, o sonho detém significados e é passível de interpretação, como já defendia a tradição milenar que faz dele uma interpretação simbólica, em geral premonitória. Em lugar da potência de prever o futuro, a psicanálise atribui uma apresentação dos desejos mais íntimos do sujeito, escondidos dele mesmo, porque são conflituosos. O sonho, diz Freud, é uma realização disfarçada de um desejo inconsciente. A interpretação dos sonhos é, portanto, estritamente singular, apenas o sonhador pode refazer, associando livremente, a partir do sonho, os caminhos que teriam levado os pensamentos latentes à configuração final do sonho.

Quem o interpreta é, rigorosamente falando, o próprio sonhador, tomando-o como enigma que nenhum código fixo dos símbolos dos sonhos — os ainda existentes em dicionários de sonhos — poderia solucionar. Pois as substituições simbólicas que o constroem não são fixas e universais, mas sujeitas a uma combinatória particular e ao mesmo tempo infinita. O que Freud chama “trabalho do sonho” é complexo e múltiplo. Dizer que o filme imita o sonho não fornece ao cinema um modelo de construção de imagens em sucessão; antes, põe em relevo a enorme complexidade em jogo na relação entre sujeito e imagem, seja no sonho, seja no cinema. (RIVERA, 2008).

O sonho realiza o desejo, não no sentido de satisfazê-lo integralmente, mas no sentido de torná-lo real, apresentando o desejo em imagens e palavras. Devemos levar a sério a insistência de Freud de que o sonho seria “a via régia para o inconsciente”: tal realização de desejo delineia de forma privilegiada o campo do sujeito. Freud afirma que “os sonhos são inteiramente egoístas” e nota que outro personagem do sonho pode esconder o próprio eu. De fato, o sujeito parece ser a questão central do sonho. O sonho põe em questão a posição do eu, assim como pode fazê-lo a imagem — e, em particular, a imagem cinematográfica. (RIVERA, 2008).

A fim de familiarizar o leitor, a seguir, encontra-se um breve resumo da série *The Act* e os apontamentos a partir de recortes de cenas ilustrados sob a perspectiva psicanalítica.



The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

4.2 THE ACT E A PERVERSÃO FEMININA

A série de televisão tomada neste trabalho como caso clínico é intitulada como *The Act* lançada em março de 2019, pelo *streaming* americano *Hulu*, conta com apenas uma temporada de oito episódios e foi criada por Nick Antosca e Michelle Dean, baseados em uma história real. Na série, o espectador se depara com uma família composta por uma mãe, Dee Dee Blanchard (Patricia Arquette) e sua filha Gypsy Rose Blanchard (Joey King) e a complexidade envolvida na relação. A série decorre no ano de 1993, desde o nascimento de Gypsy até 2015 ilustrando os acontecimentos na vida de ambas as mulheres.

Gypsy cresce acreditando que tem vários diagnósticos, dentre eles, câncer, anemia, distrofia muscular, paraplegia, refluxo, alergia a açúcar (anafilaxia) e deve utilizar uma cadeira de rodas, além de tantos outros que surgem no decorrer dos episódios. Nos primeiros episódios a relação entre ambas é apresentada como uma simbiose. A mãe, Dee Dee, se mostra como uma mãe muito preocupada com as condições da filha, organizada com todos os medicamentos e laudos das doenças e transtornos.

No primeiro episódio, por serem novas no bairro, uma vizinha, também adolescente, bate à porta da família a fim de conhecê-las, oferece-se para fazer maquiagem em Gypsy e relutante Dee Dee autoriza com a justificativa de que deve ser “apenas um toque”. Quando a vizinha vai embora, Dee Dee ordena que a filha tire a maquiagem, pois ela não era igual a todas as garotas e que gostava que sua filha fosse especial. Ao término do primeiro episódio, Gypsy suspeitando de que não tem alergia ao açúcar, após ouvir um médico conversar com sua mãe, decide experimentar chantilly e confirma que não tem alergia ao açúcar. É possível evidenciar o interesse de Gypsy no mundo adolescente, a garota para de assistir aos desenhos dos ursinhos carinhosos e começa a se interessar pelos príncipes encantados, ainda que dos desenhos.



The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Feticismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

No segundo episódio, Gypsy inicia as fugas noturnas da cama de sua mãe para utilizar o *notebook* ingerindo sorvetes e refrigerantes. Inicia sua pesquisa em vídeos de tutoriais de maquiagem, pesquisa fotos de beijos entre casais. Ao comer sorvete, bate com a colher em seu dente e o machuca, apaga o histórico do *notebook* e retorna à cama. No outro dia, Dee Dee percebe que Gypsy está com dor na boca (dentes) e ao ver diz que “deve haver uma condição subjacente”. Dee Dee a leva para o hospital. O médico que geralmente a atende indica o atendimento pela gastroenterologista, pois Dee Dee afirma que é o ácido do refluxo que está estragando os dentes da filha. A médica faz algumas perguntas para Gypsy e quem responde é sempre a mãe, falando que ela pode engolir, mas depois paga o preço com as dores de barriga, que ela não pode comer doces, pois é alérgica. Gypsy não diz nada, apenas segura seu bicho de pelúcia como nas demais consultas médicas.

A Dra. Chandra se interessa pelo histórico de Gypsy e solicita a pasta que Dee Dee carrega com diversos exames e laudos. A mãe se recusa, com a justificativa de que os dados que a médica necessita foram perdidos durante o furacão Katrina, que atingiu a casa delas. A médica comenta com a família que os tubos alimentares que Gypsy faz uso não precisam ser para sempre, de forma ríspida Dee Dee, encerra a consulta falando que se trata apenas de uma emergência odontológica.

A médica inicia a busca pelas informações da família, questiona colegas de trabalho que comentam que elas são as “rainhas do hospital”, entra em contato com outros hospitais a fim de obter dados, porém poucos se deram conta do quão esquisito era a menina ter tantas comorbidades sem nenhuma confirmação de exames médicos, apenas a palavra da mãe era o suficiente.

Ainda no segundo episódio, uma conselheira tutelar visita a casa da família a fim de conversar com Gypsy sobre sua relação com sua mãe. Dee Dee ao ouvir a campanha aumenta o volume da televisão e leva Gypsy ao banheiro onde lhe dá sedativos e apenas depois atende a porta. Dee Dee fica furiosa pela conselheira solicitar que ela se retire do ambiente, pois precisava conversar a sós com Gypsy.



The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

De forma letárgica, Gypsy responde às perguntas e suas respostas não prejudicam a mãe. A conselheira comenta que já tem as informações de que necessita e que pode ir embora. Dee Dee questiona quem poderia pedir um relatório desses e a conselheira não responde.

Sobre perversão feminina na maternidade, Dor (1991) afirma, o que está sob o caráter pervertizante é a própria relação que a mãe pode instituir com o seu filho. É justamente nessa relação próxima e privilegiada que a mãe tem com a criança, há uma tendência perversa. Essa tendência é a erotomania, em que as vias de realização é o acesso ao corpo da criança e da satisfação de suas necessidades.

Dor (1991) ressalta que a criança encontra, nesta disposição perversa materna, o eco mais favorável a dinâmica de seu desejo que a leva a se constituir, como objeto que preenche a falta do Outro, tornando necessária a mediação paterna, para que a mãe não capture e seduz a filha.

A mãe pode ser entendida como uma figura onipotente, pois como afirma Lebrun (2004), uma das consequências da privatização da família é o declínio da identidade do pai e, portanto, o caminho para a invasão da figura materna, que é aberto como demonstra a série, não há interdição do pai na relação simbiótica entre mãe e filha. A intervenção paterna que evocamos é identificável nos primeiros momentos da criança, do *infans*, “aquele que não é falante”. Quando a criança entra no círculo familiar, acontece-lhe de chorar, e a mãe dirá, no primeiro dia, que a criança está triste, no dia seguinte, que está passando mal, no outro lhe perguntará por que chora. No quarto lhe dirá ainda outra coisa, e todas as palavras que forem ditas irão “definir” essa criança. Etiquetá-la, dizer o que ela é.

Pode-se compreender “o pai” como aquele que vem dizer “Não, ela não é tudo o que você diz dela!”, ou “Sim, mas...”; ou seja, dar à criança as condições que permitem fazer de modo a que não haja adequação entre o que a sua mãe diz e o que ela é como sujeito (LEBRUN, 2004). Toma-se aqui como o pai, a lei, à qual Dee Dee não permite a entrada em nenhum momento, como ilustrados no seriado, ela não permite que o conselho tutelar realize a intervenção em sua residência, dopando a filha. Não permite que um médico ou a ausência de um diagnóstico a



The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

contrarie em relação ao que é melhor para sua filha, afinal ela é a lei e conhece todos os diagnósticos, não desconfia, sabe do que sua filha necessita.

É apenas no último episódio que o pai de Gypsy aparece na série, pois Gypsy liga para ele. Durante toda a sua vida havia acreditado que o pai as abandonara, porém, ele conta que tentou manter contato, mas Dee Dee não permitia e mudava de residência várias vezes, o que fez com que ele desistisse da aproximação.

Ainda é necessário resolver a situação odontológica de Gypsy e para isso Dee Dee agenda o dentista e todos os dentes de Gypsy são retirados contra a sua vontade. Gypsy está preocupada, pois quer seus dentes de volta até o evento de caridade em que será homenageada como “A criança do ano”. Dee Dee e Gypsy tem uma briga por causa disso, e Dee Dee fala que Gypsy não entende o quão duro ela trabalhou para que ela ganhasse esse prêmio, que todos estariam lá para vê-las. A mãe faz com que a filha não possa falar para assim continuar em uma posição de objeto, ela deverá ficar calada por semanas, fazendo o mínimo de esforço, deixando, assim, que sua mãe fale por ela, aquilo que ela é incapaz de dizer.

Apenas quando estão prestes a entrar no palco é que Dee Dee entrega a prótese dentária à filha. Uma das assistentes comenta que além do prêmio de criança do ano deveria também haver um prêmio para a melhor mãe do ano. Quando estão no palco Gypsy canta a música que representa a história delas: *I'll be There* (Eu estarei lá). A plateia fica comovida.

No terceiro episódio, mãe e filha vão a um festival de quadrinhos, onde Gypsy conhece um homem fantasiado de Wolverine e começa a manter contato com ele. Dee Dee também conhece um homem, também fantasiado de Wolverine, ele faz várias tentativas de aproximação e Dee Dee vai até o banheiro e retira a maquiagem, ele gostaria de iniciar um relacionamento, ter uma companhia, porém, ela o nega, não há lugar para um homem. Gypsy foge de casa para se encontrar com seu Wolverine e horas depois, sua mãe a encontra na residência dele e a leva embora. Por Gypsy estar fora da cadeira de rodas Dee Dee só permite que ela desça do carro e entre em casa se estiver na cadeira de rodas. Gypsy então utiliza a cadeira.



The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

Como andar com as próprias pernas? Como sustentar e escutar o próprio desejo? Como uma mulher torna-se mulher? Ao contrário do menino, que na fase fálica se encontra em uma posição edípica, tendo como objeto de amor a mãe e como rival o pai, dando solução ao seu Édipo pelo complexo de castração, para a menina, é a castração que a conduzirá ao complexo edípico. Ela reconhece o fato de sua castração, e, com ele, também a superioridade do menino e sua própria inferioridade (ALMEIDA, 2012).

O tornar-se mulher, enquanto dissolução do Édipo feminino apresenta-se como uma operação complicada para a menina, que se rebela contra esse estado de inferioridade. Diante dessa situação comitativa e de acordo com o modo pelo qual a menina significa sua castração, restam-lhe três saídas possíveis do complexo de Édipo: a inibição sexual, o complexo de masculinidade e a feminilidade, propriamente dita. A primeira saída – a frigidez e a inibição – leva a menina, assustada pela comparação com os meninos e sentindo-se inferiorizada com o seu clitóris, a abdicar de sua masculinidade pela renúncia à atividade fálico-clitoridiana e pela instalação de uma inibição sexual que se estende a outros campos. A segunda linha – o complexo de masculinidade – faz com que ela se agarre de forma desafiadora à sua masculinidade ameaçada, acreditando na possibilidade de obter um pênis, podendo resultar numa escolha de objeto homossexual manifesta. E a terceira via – tornar-se mulher pela maternidade e pela passividade – possibilita-lhe encontrar o caminho da feminilidade definitiva pela substituição de seu desejo masculino de ter um pênis do pai por um desejo feminino de maternidade (ter um filho do pai) e pela substituição do gozo ativo masculino do clitóris pelo gozo passivo da vagina (ALMEIDA, 2012).

Entretanto, este modelo fálico-edípico para a sexualidade feminina configura-se num paradoxo ao indicar, por um lado, o feminino como construção psíquica e, nesse sentido, desvinculado de uma ordem natural e, por outro, sustentar a maternidade como destino normal para as mulheres, sendo as demais alternativas consideradas desvios negativos e soluções patológicas.



The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

Assim, no afã de deixar a mulher no lugar que ele supõe que lhe é predestinada, Freud aponta como única possibilidade normal para o sexo feminino uma trajetória bastante duvidosa. A ideia de maternidade como a única possibilidade de abrandar a inveja do pênis é, no mínimo, problemática, pois o bebê ficaria situado no lugar do falo, destituído de uma posição de alteridade em relação à mãe, o que certamente traria problemas para o seu desenvolvimento posterior. É como se, contraditoriamente, para situar a mulher numa posição faltosa, Freud reforçasse o lugar onipotente da mãe e na impossibilidade de reconhecer a falta, faz do bebê um objeto de recobrimento da castração (ALMEIDA, 2012). Dee Dee faz diversos comentários no decorrer dos episódios, como: “Nasci para ser sua mãe”, “Fomos feitas uma para a outra”; portanto, sua filha é objeto que recobre a castração, e a relação entre ambas é de um laço perverso.

A mãe onipotente e perversa, essa que pode fazer tudo com a filha, é apresentada a todo o momento e em diversos recortes do seriado. Gypsy não aparece ou demonstra suas vontades e desejos, a não ser a partir da fala ou autorização da mãe. É apenas quando outro passa a interpelar a vida de ambas que Dee Dee não tem mais controle sob a filha, vendo-se, assim, em uma posição faltosa novamente. Diante dessa posição faltosa Dee Dee precisa tomar o objeto para si, para isso amarra a filha na cama como uma forma de castigo, mostrando, assim, o laço perverso existente entre ambas, pois Gypsy não resiste ao aprisionamento.

Os primeiros episódios deixam evidente a relação abusiva entre mãe e filha. É apenas quando o outro passa a permear a vida de ambas que Gypsy pode falar sobre o que se passa dentro da casa. Ela inicia um namoro virtual com um adolescente, Nicholas, e a partir de então, a pedido de Gypsy, o garoto assassina Dee Dee. Com a mãe falecida, ambos fogem para “viverem juntos, sem ninguém os impedir”.

O casal se muda para a residência de Nicholas, em outro estado. O crime é descoberto após o casal realizar uma postagem em uma rede social que Dee Dee e Gypsy dividiam, com a frase: “A vadia está morta”. Um reboliço ocorre nos



The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

comentários com colegas e vizinhos, tentando descobrir se está tudo bem com ambas e chamam a polícia para verificar a residência. Encontram o corpo de Dee Dee, os vizinhos presumem que Dee Dee não faria mal algum a ninguém, não poderia ter inimigos, alguém estaria atrás de Gypsy, já que ela havia desaparecido. A polícia descobre a localização por meio da postagem da rede social e encontram o casal na residência de Nicholas, onde são detidos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal diferenciação entre a perversão masculina e feminina está na escolha de objeto fetichista, enquanto o homem se utiliza de um objeto-fetice para o recobrimento da castração, a mulher se torna seu próprio fetiche em uma relação perversa não fundada sob o registro da lei e vulnerável aos pactos perversos. Portanto, este artigo visou compreender a perversão feminina relacionando com a síndrome de Munchausen a partir da psicanálise.

Quanto à escolha do caso clínico utilizado para a análise, evidencia-se a necessidade de repensar a psicanálise abrangendo as questões contemporâneas, utilizando, assim, como caso clínico uma série recentemente lançada, fora do contexto da clínica tradicional, apenas possível de ser interpretada a partir da psicanálise extramuros e da ampliação das estratégias de produção de conhecimento e da concepção do fazer de um psicanalista.

Este artigo também visa desmistificar a mulher como um ser angelical, boa e santificada, apresentando como possibilidade uma mulher perversa com seus desejos, uma mulher e mãe má na perversidade dos seus atos a fim de possibilitar a escuta a esse sujeito do inconsciente, desmoralizando e desidealizando o lugar sagrado que o feminino ocupa.

Ainda assim, apontamos como questionamento e discussão que diante das diversas possibilidades do psiquismo, da variedade de fantasias ou dos caminhos para dissolução do complexo de Édipo, caberia apenas à maternidade e à homossexualidade como destino para perversão feminina?



The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ângela Maria Menezes de. Feminilidade: caminho de subjetivação.

Estud. psicanal., Belo Horizonte , n. 38, p. 29-44, dez. 2012. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372012000200004&lng=pt&nrm=iso)

[34372012000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372012000200004&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 27 nov. 2019.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Perversões e suas versões. **Reverso**, v. 27, n. 52, p. 43-50, 2005.

DOR, JOËL. **Estrutura e perversões**. Artes Médicas, 1991.

FERRAZ, Flávio Carvalho. **Perversão (coleção Clínica Psicanalítica)**. Casa do Psicólogo, 2010.

FERRÃO, Ana Carolina Fernandes; NEVES, Maria da Graça Camargo. Síndrome de Munchausen por Procuração: quando a mãe adocece o filho. **Comun. ciênc. saúde**, v. 24, n. 2, p. 179-186, 2013.

FREUD, Sigmund. Batem numa criança: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais. In: **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das letras, Original publicado em 1919/2010 (Vol. 14).

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das letras, Original publicado em 1905/2016 (Vol. 6).

FREUD, Sigmund. O Fetichismo. In: **Obras Completas**. São Paulo: Companhia das letras, Original publicado em 1927/2014 (Vol. 17).



The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, 2010.

IRIBARRY, Isac Nikos. O que é pesquisa psicanalítica?. **Ágora (Rio J.)**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 115-138. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982003000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 2 out. 2019.

KOBORI, Eduardo Toshio. Algumas considerações sobre o termo psicanálise aplicada e o método psicanalítico na análise da cultura. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 12, n. 2, p. 73-81, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/revpsico/v12n2/a06.pdf>. Acesso em: 2 out. 2019.

LEBRUN, Jean Pierre. **Um mundo sem limite**: ensaio para uma clínica psicanalítica do social. Rio de Janeiro: Companhia de Freud. 2004.

MATTERA, Patrick. Perversão nas mulheres ou perversão feminina. Uma questão de sexuação. **Revista Latinoamericana de Psicopatología Fundamental**, v. 17, n. 3, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2330/233037803013.pdf>. Acesso em: 12 maio 2019.

MEZAN, Ricardo. **Freud, pensador da Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

POLI, Maria Cristina. Pesquisa em Psicanálise. **Revista da Associação psicanalítica de Porto Alegre – APPOA**. N. 29, p. 42-47. 2005. Disponível em: <http://www.apboa.org.br/uploads/arquivos/revistas/revista29.pdf#page=42>. Acesso em: 2 out. 2019.

QUEIROZ, Edilene Freire de. A perversão no feminino. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 5, n. 3, p. 92-108, 2002.



The Act E A Síndrome De Munchausen: Ensaio Sobre A Maternidade, Fetichismo E A Perversão Feminina A Partir Da Psicanálise

RIVERA, Tania. **Cinema, imagem e psicanálise**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2008.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ROSA, Miriam Debieux; A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, v. 4, n. 2, p. 329-348. 2004. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/download/1509/3464>. Acesso em: 2 out. 2019.

ROSA, Miriam Debieux; DOMINGUES, Eliane. O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 1, p. 180-188, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v22n1/v22n1a21.pdf>. Acesso em: 2 out. 2019.

SILVA, Heliane Maria; PRISZKULNIK, Léia. Síndrome de Munchausen por procuração, a Psicologia e a Psicanálise: conhecer para suspeitar. **Psicología, Conocimiento y Sociedad**, v. 3, n. 2, p. 155-170, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4758/475847410008.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2019.

